

# CULTURA MATERIAL DO VALE DO PARAPANEMA PAULISTA: A PEDRA LASCADA DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS PIRACANJUBA, RAGIL II E LAGOA SECA

Juliana Aparecida ROCHA LUZ\*

Neide BARROCA FACCIO\*\*

**Resumo:** Este artigo apresenta a análise tecnológica de líticos lascados dos Sítios Arqueológicos Piracanjuba, do município de Piraju-SP, Ragil II e Lagoa Seca, do município de Iepê - SP. A metodologia de análise das peças líticas compreendeu uma análise tecnológica. A população que habitava esses sítios na época pré-colonial é caracterizada como grupo ceramista.

**Palavras chaves:** tecnologia, lítico, sítio arqueológico.

## MATERIAL CULTURE OF THE VALLEY PARANAPANEMA PAULISTA: THE CHIPPED STONE OF ARCHAEOLOGICAL SITES: PIRACANJUBA, RAGIL II E LAGOA SECA

**Abstract:** This article presents the analysis technological chipped lithic of Archeological Site nominated Piracanjuba, from the municipal district Piracanjuba-SP, Ragil II and Lagoa Seca from the municipal district Iepê - SP. The analysis methodology of lithic pieces comprised a technological record. The population who habited the site at that pre-colonial time is characterized as ceramist group.

---

\* Endereço eletrônico: [juliluzz@yahoo.com.br](mailto:juliluzz@yahoo.com.br) . Arqueóloga mestre em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

\*\* Endereço eletrônico: [nfaccio@terra.com](mailto:nfaccio@terra.com). Profa. Dra. do Departamento de Planejamento, Urbanismo e Meio Ambiente, Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Tecnologia.

**Key words:** technology, lithic, archeological site.

## 1. Introdução

Este artigo é resultado de um estudo sobre peças líticas lascadas de grupos que habitaram o vale do Paranapanema, lado paulista, em período pré-histórico.

Esses sítios foram ocupados, no passado, por grupos guarani. Os guarani são caracterizados como grupos horticultores ceramistas. Na área dos sítios encontramos: cerâmica, pedra lascada e pedra polida.

As indústrias líticas desses sítios foram analisadas segundo a metodologia tecnológica de cadeia operatória.

A realização de uma pesquisa, em fontes etnográficas, sobre os índios guarani, ajudou a esclarecer aspectos sobre a alimentação e utilização dos artefatos desses grupos.

## 2. Metodologia

Atualmente, o estudo de peças líticas está voltado para as análises tecnológicas, a partir do conceito de cadeia operatória, que surgiu com as investigações etnográficas. Tal análise permite um estudo mais amplo em relação às investigações tradicionais que levavam em conta apenas a tipologia das peças. No entanto, não pretendemos descartar a tipologia, pois como vimos em Viana (2005, p.67), com a tipologia é “possível reconhecer, definir e classificar as diferentes variedades de instrumentos com o propósito de comparar os vários conjuntos líticos e assim chegar ao estabelecimento de um quadro cronocultural”. Dias e Hoeltz (2002) abordam que:

Deve-se abandonar as categorias funcionais e optar por aquelas definidas a partir de aspectos da organização tecnológica que permitam interpretações sobre a variabilidade de conjuntos líticos. Estes dados, por sua

vez, devem necessariamente ser acompanhados de estudos contextuais de caráter regional para que se possa entender os sítios de uma mesma região como entidades dinâmicas e integradas entre si, fruto de diferentes estratégias de mobilidade e uso do espaço desenvolvidas por distintas sociedades pretéritas (DIAS; HOELTZ, 2002, p.209).

Hoeltz (2005, p. 107) designa a reconstituição de uma cadeia operatória da seguinte forma: aquisição da matéria-prima, produção, uso e descarte dos instrumentos. Da mesma forma, Noelli e Dias (1995, p. 8) falam da necessidade de análises que avancem para além da morfologia, enfocando as atividades de captação de matéria-prima, os processos de produção e funcionalidade dos artefatos. Para os grupos ceramistas, os autores apresentam também a importância das informações linguísticas e históricas, especialmente quanto à definição de sua funcionalidade, uma vez que o material lítico e os contextos onde foram manufaturados e utilizados ainda são pouco conhecidos.

Ao consultar Fogaça (2001), entendemos que Marcel Mauss é reconhecido como o primeiro a abordar o processo como encadeamento de etapas de transformação da matéria-prima. Mauss preocupou-se em definir o fato tecnológico a partir de três dimensões: o estudo do objeto em si mesmo, em relação às pessoas e em relação ao sistema observado, sendo o fato social a meta última da observação etnográfica.

A conceituação pluridimensional de Mauss é enriquecida pela perspectiva evolucionista de Leroi Gourhan. Fogaça expõe que o autor conceitua o comportamento técnico do homem em três níveis de manifestação: o *nível específico*, de uma inteligência técnica geneticamente determinada; o *nível socioétnico* da coletividade, da aquisição de um comportamento operatório por meio da aprendizagem responsável pela transmissão de cadeias operatórias maquinais; e o *nível individual* onde a espécie humana apresenta um caráter único tendo condições de se emancipar dos laços étnicos e socioculturais.

A cadeia operatória maquinial não faz apelo à consciência; ela corresponde a programas operatórios adquiridos pela aprendizagem num contexto socioétnico. No entanto, em situações acidentais, a consciência entra em ação readequando a cadeia operatória ao acontecimento inesperado, atuando sempre dentro dos limites impostos pela tradição.

“O conceito de cadeia operatória maquinal é, portanto, central para a compreensão do trabalho da pedra lascada” (FOGAÇA, 2001, p. 108). Pois de várias cadeias operatórias articuladas surge o processo técnico. De acordo com Viana (2005, p. 71) “a observação de um certo número de cadeias operatórias (distintas produções) permite a reconstrução do universo técnico pertencente a uma determinada cultura”.

Dias e Hoeltz (1997, p. 22) ao citar SCHIFFER, 1972, COLLINS, 1975 e BRADLEY, 1975, esclarecem que:

Os eventos que ocorreram a um artefato podem ser estudados tendo em vista a reconstituição dos passos técnicos que lhe deram origem, a identificação das atividades das quais tomou parte, as alterações que sofreu durante sua vida útil e por fim seu descarte, quando passou a fazer parte do registro arqueológico. (DIAS E HOELTZ, 1997, p.22).

Ao falar sobre gesto técnico, Fogaça (2001) relata que esse é adquirido no interior de sequências tradicionalmente estabelecidas e que essas sequências caracterizarão os métodos de lascamento. O método de lascamento é resultado de experiências coletivas, tornado rotineiro pela tradição de um grupo em resposta às suas necessidades sociais.

Em todos os trabalhos pesquisados é comum a contribuição dos aspectos cognitivos do artesão na análise do material lítico lascado. Nessa perspectiva Viana (2005) expõe que:

Para complementar a noção de cadeia operatória, é importante que também sejam tratados os aspectos cognitivos presentes na mente dos antigos artesãos, bem como os aspectos relacionados à função e funcionamento dos instrumentos, todos inseridos de forma direta ou subjacente na noção de cadeia operatória de produção e utilização dos instrumentos (VIANA, 2005, p.68).

Dessa forma, propomos a análise das peças líticas lascadas seguindo a tendência das etapas que compõem uma cadeia operatória e da pesquisa bibliográfica em fontes etnográficas sobre a região de estudo. A análise do material lítico lascado será pautada na metodologia de Fogaça (2001). Segundo Viana (2005), as pesquisas arqueológicas voltadas à identificação de cadeia operatória, tomando por base as concepções de Leroi Gourhan (1985) que são mais recentes, tem como principal referência a obra de Fogaça (2001).

Essa proposta metodológica será aprimorada com a pesquisa de autores ou estudiosos de indústrias líticas de grupos ceramistas, que empregaram metodologias dos processos operatórios e resgates etnográficos como Viana (2005), Hoeltz (2005), Rodet (2005), Dias e Noelli (1995) e Dias e Hoeltz (2002).

## 2.1. Metodologia de análise

Para a análise dos materiais líticos lascados, utilizamos a metodologia de Fogaça (2001). As coleções líticas dos sítios estudados foram analisadas a partir das seguintes categorias tecnológicas: suportes transformados, núcleos e detritos de lascamento.

As peças foram descritas e analisadas de acordo com: o valor informativo da categoria (examinar, descrever e interpretar detalhadamente os atributos tecnológicos de cada categoria); o estado de conservação do material em cada categoria (reconhecer as alterações, geralmente térmicas, que o objeto sofreu, o que determinará uma leitura geral ou parcial da peça) e; a quantidade de peças em cada categoria (conhecer o total de peças em cada categoria para determinar o emprego de técnicas estatísticas diferenciadas).

Os **suportes** transformados, ou seja, os instrumentos demandam uma análise minuciosa, pois permitem relacionar núcleos e detritos de lascamento. Na figura 1 podemos visualizar os vestígios de lascamento presentes em suportes de lasca.

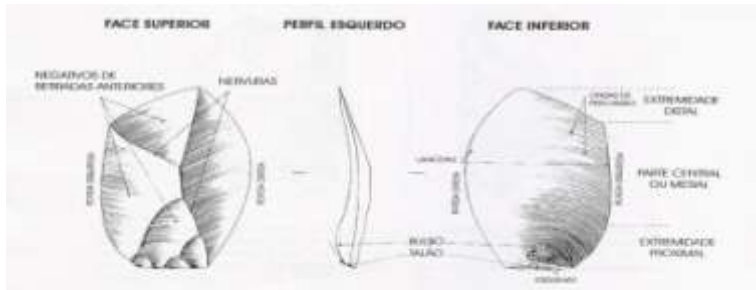


Figura 1: Vestígios de lascamento presentes em uma lasca. Tixier et al., 1980.

Nesses instrumentos foram descritos e analisados individualmente:

- a) *Traceologia*: os microvestígios de utilização;
- b) *Matéria-prima*: o tipo de rocha, coloração aproximada e granulação;
- c) *Alterações da matéria-prima*: as alterações naturais e resultantes de ação antrópica;
- d) *Suporte*: as características gerais, as dimensões, o eixo principal de orientação e informações complementares.

A análise do suporte foi complementada com a descrição: do talão (tipo, estado de conservação, dimensões e ponto de impacto); da face superior (leitura e distinção dos negativos de lascamento); da face interior (identificação do eixo de debitagem, descrição dos estigmas e retoques inversos); das retiradas de façonnage (análise dos negativos das primeiras sequências de retiradas, medida dos ângulos e comprimento dos negativos) e dos retoques (descrição, registro dos ângulos médios e comprimentos médios em milímetros).

Já para a análise dos **detritos de lascamento**, ou seja, os subprodutos da fabricação de instrumentos retocados e de pontas de projétil bifaciais, identificamos:

- a) *Dados do contexto de recuperação do material*: quadra, camada e nível;
- b) *Dados métricos*: comprimento, largura e espessura em milímetros;

c) *Morfologia das peças*: determinada de acordo com os eixos de debitagem, possibilitará identificar se a forma é triangular, retangular, quadrada, trapezoidal ou elíptica;

d) *Características da face superior*: número de negativos preservados e sua orientação;

e) *Caracterização do perfil da peça*: delineamento do perfil e inclinação da peça;

f) *Características do talão*: dados métricos e morfologia;

g) *Matéria-prima*: tipo de rocha e possíveis alterações.

Finalmente, nos **núcleos**, a descrição foi feita levando em conta os seguintes aspectos:

a) *Identificadores do contexto de recuperação*: número da peça, quadra e camada arqueológica;

b) *Características físicas*: matéria-prima, volume em milímetros e peso em gramas;

c) *Variáveis tecnológicas*: número, posição e tipo de planos de percussão, extensão das superfícies de lascamento, características gerais dos negativos preservados, presença ou não de lascas refletidas e forma do núcleo;

d) *Agentes pós-deposicionais*: presença ou não de alteração térmica e reutilização da peça.

Posterior à análise das peças líticas, sistematizamos os dados e reconstituímos a cadeia operatória. Para a reconstituição da cadeia operatória, o resgate etnográfico foi de suma importância. Sendo assim, realizamos uma pesquisa bibliográfica sobre a etnografia regional do Vale do Paranapanema simultaneamente ao estudo do material lítico lascado. Em seguida, realizamos uma comparação entre os sítios, com os resultados obtidos da pesquisa.

### 3. Resultados e Discussão

As peças analisadas foram retiradas de sítios arqueológicos que apresentaram características de grupos Guarani, que ocuparam na pré-história toda a região das margens do Rio Paranapanema.

Os Guarani estabeleceram suas aldeias em vertentes suaves de colina. Caracterizam-se como povos horticultores, produtores de cerâmica, que habitavam as florestas tropicais. Eram “portadores de cultura característica de região florestal, em que as atividades de subsistência incluem as lides da caça em combinação com o tamanho da terra. Os Guarani se estabeleceram, sempre que possível, no seio da mata, evitando a paisagem aberta de campos” (SCHADEN, 1962, p.33).

No interior paulista, as ocupações de grupos da Tradição Guarani foram assim descritos por Luciana Pallestrini:

- Vestígios representados por cerâmica e lítico;
- Distribuição de vestígios segundo planos espaciais com zonas diferenciadas, representadas por manchas escuras, quase negras;
- Localização dos conjuntos escuros em áreas de ápice de colinas com declives suaves;
- Existência constante de um rio na base da colina;
- Fitogeografia regional representada pelo cerrado, manchas de floresta tropical e palmeiras sobre solos latossólicos avermelhados;
- Conceituação geral dos sítios como sendo correspondentes a aldeias pré-históricas situadas em colinas próximas a rios, cujos habitantes eram ceramistas, embora conservando ainda a técnica do trabalho da pedra;
- Inserção dos sítios arqueológicos no tempo, graças às datações por termoluminescência, abrangendo faixas cronológicas de mil anos.

#### 3.1. Resultados da análise do Sítio Piracanjuba

Da mancha 2, de solo antropogênico, do Sítio Arqueológico Piracanjuba, analisamos um conjunto de 391 peças. Essas peças correspondem a suportes (lascas), núcleos e resíduos de lascamento. As



peças já estavam numeradas e se encontravam na Casa da USP – Mário Neme, no município de Piraju – SP.

Inicialmente observamos toda a coleção para termos uma visão de conjunto. Visualizamos a presença de três matérias-primas distintas. Na figura 2, podemos observar a frequência das matérias-primas: o sílex corresponde a 305 peças (78% dos casos), seguido do arenito silicificado correspondendo a 64 peças (16% dos casos) e da calcedônia correspondendo a 22 peças (6% dos casos).

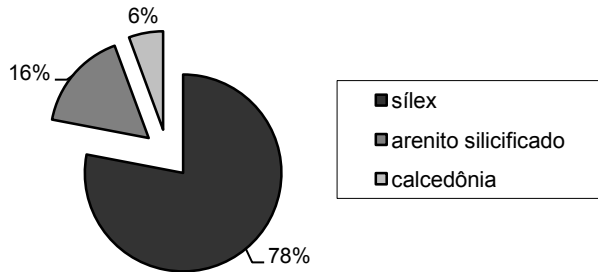


Figura 2: Sítio Arqueológico Piracanjuba, Piraju, SP. Frequência da indústria lítica, de acordo com a matéria-prima

Optamos por analisar essas peças em dois conjuntos de acordo com a matéria-prima sílex e arenito silicificado. Das peças em calcedônia, apenas três são suportes e o restante das peças são resíduos. Essa escolha foi orientada por dois motivos: 1- a alta frequência da matéria-prima sílex que apresentava matéria-prima bruta (seixos aptos ao lascamento), núcleos, lascas e resíduos em quantidade suficiente para a tentativa de reconstituição da cadeia operatória de produção dos suportes finais; 2- a princípio, consideramos que as diferentes matérias-primas correspondessem a cadeias operatórias distintas com funções também distintas.

### **3.1.1. O Silex como matéria-prima**

A forma das lascas, confeccionadas com sílex, foi determinada no momento da debitagem. Segundo Viana (2005), a presença de várias peças com características semelhantes podem indicar uma produção predeterminada de instrumentos em série. O lascamento do sílex com ângulo predominante de 90° produziu pequenas lascas com gume cortante que dispensaram retiradas de façonnage e de retoque nas bordas.

Se foram utilizadas, não podemos inferir com certeza, pois não realizamos o estudo de microvestígios de lascamento. Podemos dizer apenas que, os suportes analisados apresentam grande potencial para o corte e desempenhariam (ou desempenharam) com eficiência essa função.

### **3.1.2. O arenito silicificado como matéria-prima**

Consideramos pequena a quantidade de peças analisadas de arenito silicificado. É provável que essas peças estejam concentradas em outra área do sítio.

As peças em arenito silicificado foram descorticadas com maior frequência que as peças confeccionadas em sílex e todos os suportes com gume cortante foram retocados, apresentando algumas vezes um serrilhado no gume. Esse fato confirma que o sílex deve ter sido explorado em maior quantidade, para essa função de corte, pois dispensava o retoque e produzia um gume ainda mais fino que o gume das peças retocadas de arenito silicificado.

### **3.1.3. A calcedônia como matéria-prima**

A figura 3 apresenta a frequência das peças analisadas de matéria-prima calcedônia. A grande maioria das peças corresponde a resíduos (86,36% dos casos). Há também a presença de suportes (13,64% dos casos). Nenhum núcleo de calcedônia foi analisado.

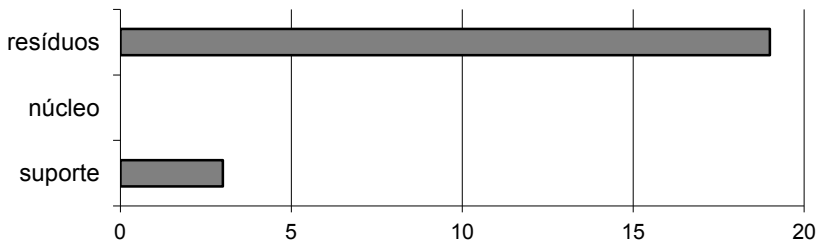


Figura 3: Sítio Arqueológico Piracanjuba, Piraju, SP. Frequência das peças confeccionadas com calcedônia.

Tal como o arenito, as lascas de calcedônia apresentaram retoque nas bordas. Nada podemos inferir sobre o lascamento dessas lascas, que com certeza foram produzidas em outro local.

### 3.1.4. Análise Comparativa das matérias-primas do Sítio Arqueológico Piracanjuba

Da análise apresentada, concluímos que a frequência de peças com gume cortante, produzidas com as três matérias-primas, indica que o local de onde foram retiradas na mancha 2, do sítio Piracanjuba, demandava objetos para cortar.

“Todas as etapas (aquisição de matéria-prima rochosa, transporte, debitagem etc) devem estar interligadas pelo menos por esse objetivo: a confecção de utensílios eficientes e eficazes que podem ser evidenciados em contexto arqueológico” (FOGAÇA, 2006, p. 152). As peças confeccionadas em arenito silicificado e calcedônia podem ter sido produzidas com maior frequência em outro local e levadas para esse local onde deveriam estar sendo utilizadas.

## 3.2. Resultados da análise do Sítio Ragil II

Foram estudadas 182 peças do Sítio Ragil II. Ao contrário do Sítio Arqueológico Piracanjuba, essa indústria apresentou matéria-prima bem distribuída, como podemos visualizar na figura 4, com núcleos e matéria-prima bruta com característica semelhantes, indicando a presença de

apenas uma cadeia operatória. Por isso, as peças foram analisadas em um conjunto único.

Os artesãos dessas peças, provavelmente, levaram consigo as peças finalizadas para os locais de caça e/ou preparo de alimentos onde puderam ter retocado e reavivado o gume dos instrumentos, conforme suas necessidades.

Outra hipótese seria que, nesse local, algum artesão estava treinando o lascamento ou ensinando um artesão iniciante. Nada arriscamos inferir sobre a indústria lítica analisada.

A nossa hipótese é que o local de coleta dessas peças foi uma “oficina de lascamento”, onde o artesão explorou o núcleo retirando as primeiras lascas.

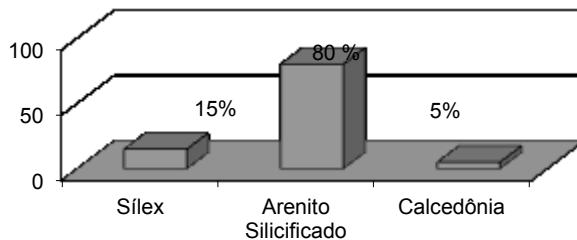


Figura 4: Sítio Arqueológico Ragil II, Iepê, SP.  
Frequência da matéria-prima nos suportes da indústria lítica.

### 3.3. Resultados da análise do Sítio Lagoa Seca

Analisamos um conjunto de 44 peças do Sítio Arqueológico Lagoa Seca. Essa indústria lítica não é muito representativa quantitativamente, mas apresentou suportes e alguns núcleos que permitem conhecer aspectos tecnológicos empregados pelos habitantes desse sítio. Dessa forma, a análise de sua indústria lítica poderá ser correlacionada com as demais

peças analisadas de sítios de grupos horticultores ceramistas do Vale do Paranapanema paulista.

Na figura 5, apresentamos a frequência das categorias de peças analisadas. A categoria de peças mais frequente foi a de suportes (50% dos casos). Analisamos também alguns núcleos (20,45% dos casos), massas primordiais, matérias-primas aptas ao lascamento, (25% dos casos) que apresentaram marcas de batida e apenas dois resíduos (4,55% dos casos).

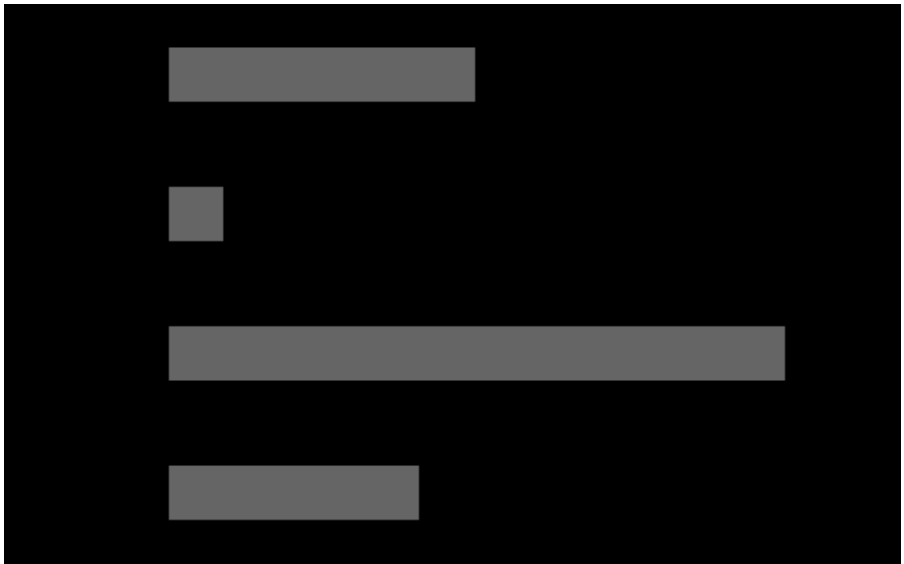


Figura 5: Sítio Arqueológico Lagoa Seca, Iepê, SP.  
Frequência da indústria lítica.

A indústria do Sítio Lagoa Seca foi a única em que registramos a presença de instrumentos morfologicamente bem definidos, como o instrumento unifacial “lesma”.

Esse sítio apresentou lascas com gume cortante, poucos núcleos e matéria-prima apta ao lascamento. Os resíduos foram raros.

A nossa hipótese, para esse conjunto, é que estava fazendo parte de um complexo de utilização das peças e não de produção, uma vez que foram encontradas em conjunto com fragmentos de cerâmica e peças polidas.

### **3.4. Alimentação Guarani: Indícios para hipóteses de uso das peças líticas lascadas**

De acordo com os registros de Montoya, os Guarani encontravam as proteínas necessárias nas fontes vegetais e animais.

As **proteínas vegetais**, presentes na dieta dos Guarani, eram obtidas em diversos vegetais. Destacavam-se, na sua produção, duas plantas essencialmente importantes: o milho e a mandioca.

As **Proteínas animais** eram encontradas em diversos animais desde formigas e larvas até antas e tatus.

O resultado das análises, associado à pesquisa em fontes escritas sobre a alimentação e o uso dos artefatos, permite-nos inferir que as peças dos Sítios Piracanjuba, Ragil II e Lagoa Seca podem ter sido utilizadas para cortar vegetais frescos e as carnes de animais de pequeno a médio portes.

Essas ocorrências parecem ser constantes no contexto dos grupos ceramistas do vale do Paranapanema paulista.

Noelli e Dias (1995) descreveram algumas funções que desempenhavam os artefatos líticos dos índios Guarani: cortar; raspar; furar; ralar; moer e pilar.

O que foi apresentado sobre a alimentação e uso dos artefatos líticos lascados dos índios Guarani na pré-história ajuda na interpretação dos resultados das peças líticas analisadas.

A análise apresentou um número considerável de peças com gume cortante com grande potencial para desempenhar a função de facas.

O uso de facas, entre os Guarani, é citado por alguns autores como Schmitz e Gazzaneo (1991) e Noelli e Dias (1995). Prous et al. (1994/95) e Prous (1992).

#### 4. Considerações Finais

Nos três sítios de grupos que dominam a técnica de confecção da cerâmica, o material lítico é deixado em segundo plano nos estudos. Por isso, investigamos tais materiais para saber o papel que desempenhavam nesse contexto.

Os horticultores-ceramistas desses sítios utilizaram, com frequência, os seixos rolados de rios próximos para o lascamento, conseguindo neles as matérias-primas sílex e arenito silicificado para produzirem lascas com gume cortante que dispensavam o uso do retoque.

No Sítio Piracanjuba, as lascas possuíam, com frequência, essa característica e no Sítio Ragil II, mesmo as lascas que podem ter sido abandonadas numa provável oficina de lascamento apresentaram gume cortante em alguns casos. Tal característica também esteve presente na indústria do Sítio Lagoa Seca .

Em ambos os sítios foram produzidas peças simples, com funções para o corte utilizadas na dieta desses povos agricultores.

Consideramos um erro descartar a análise aprofundada de líticos de grupos ceramistas só porque não são tão frequentes como a cerâmica e aparentemente tão elaborados quanto o lítico de grupos caçadores-coletores.

#### 5. Referências Bibliográficas

DIAS, A.S. **Sistemas de Assentamentos e Estilos Tecnológicos**: uma proposta interpretativa para a ocupação pré-colonial do Alto Vale dos Sinos. 2003.327f.Tese (Doutorado em Arqueologia)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

DIAS, A. S.;HOELTZ S. E. Proposta metodológica para o estudo das indústrias líticas do sul do Brasil. **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul, v.21, n.25, p.21-62, mar. 1997.

DIAS, A. S.;HOELTZ S. E. Havia uma pedra no meio do caminho: indústrias líticas das tradições Taquara e Guarani na região do Alto Rio dos Sinos. **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul, v.26, n.35/36,p.181-214, jan./dez. 2002.

FACCIO, N.B. **Estudo do Sítio Arqueológico Alvim no Contexto do Projeto Paranapanema**. 1992. 154 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

FOGAÇA, E. **Mãos para o pensamento**: A variabilidade tecnológica de indústrias líticas de caçadores-coletores holocênicos a partir de um estudo de caso: as camadas VIII e VII da Lapa do Boquete (Minas Gerais, Brasil – 12.000/10.5000 B.P) 2001. 452 f. Tese Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

\_\_\_\_\_. O Estudo Arqueológico da Tecnologia Humana. In: **Revista Habitus**. Goiânia, IGPA/UCG v. 1, n.1, p.261-273 jan./jul.2003.

\_\_\_\_\_. Um objeto lítico. Além da forma, a estrutura, No prelo In: **Revista Canindé**, n.7, jul. 2006.

HOELTZ, S. E. **Tecnologia Lítica: Uma proposta de leitura para a compreensão das indústrias do Rio Grande do Sul, Brasil, em tempos remotos**. 2005. 424 f. Tese (Doutorado Internacional de Arqueologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. p. 101-135.



MAUSS, M. **Manual de Etnografia**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.

MONTOYA, A.R. **Tesoro y vocabulario de la lengua guarani**. Leipsig: J. Platzman, s.d.

\_\_\_\_\_. **La conquista spiritual Del Paraguai**. 1999.

MORAIS, J.L. A utilização dos afloramentos litológicos pelo homem pré-histórico brasileiro: análise do tratamento da matéria-prima. **Coleção Museu Paulista**, São Paulo, v. 7, p.212, 1983.

\_\_\_\_\_. A propósito da interdisciplinaridade em arqueologia. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, v, 31, p. 56-77, 1986.

NOELLI, F. S. **Sem tekhoa não há tekó**: em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência guarani e sua aplicação a uma área de domínio do delta do Jacuí, Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1993. 585p.(Dissertação de Mestrado em Arqueologia).

NOELLI, F.S.; DIAS,A. S. Complementos históricos ao estudo funcional da indústria lítica guarani. **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul, n.19 (22), p. 7-23, mar. 1995.

PALLESTRINI, L. Evidenciação de estruturas arqueológicas em sítios do estado de São Paulo. São Paulo. **Coleção Museu Paulista**, São Paulo, p. 190 – 208, 1975. SCHADEN, E. **Aspectos fundamentais da cultura guarani**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962.

PROUS, A. **Arqueologia brasileira**. Brasília: 1992. 613 p.

\_\_\_\_\_. Alimentação e “Arte” Rupestre: nota sobre alguns grafismos pré-históricos brasileiros. **Revista de Arqueologia**. SOCIEDADE BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA. v. 6, p. 1-13. 1991.

PROUS, A.; FOGAÇA, E.; ALONSO, M. As últimas indústrias líticas do vale do Peruaçu, MG. **Revista de Arqueologia**. SOCIEDADE BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA. v. 8, n, 2, p.49-86. 1994/95.

ROBRAHN, E. M. **Projeto Paranapanema**: a ocupação de grupos ceramistas. São Paulo. São Paulo, 1991. 40 p.

RODET, J. M. Princípios metodológicos de análise de indústrias líticas lascadas – Aplicação às séries arqueológicas do norte de Minas Gerais e regiões circunvizinhas, **In: Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2005, Campo Grande**. Anais. p. 1-18.

SCHADEN, E. **Aspectos fundamentais da cultura guarani**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962.

SCHMITZ, P. I. Arqueologia no Brasil. **Revista Habitus**. Goiânia, IGPA/UCG, v. 1, n.2, p.261-273jul./dez. 2003.

SCHMITZ, P. I.; GAZZANEO, M. O que comia o guarani pré-colonial. SOCIEDADE BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA. **Revista de Arqueologia**. v. 6, p.90-107. 1991.

SILVA, F.A. **As tecnologias e seus significados**: um estudo da cerâmica dos Asurini e da cestaria dos Kayapó Xikrin sob uma perspectiva etnoarqueológica 2000, 244p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SOARES, A. L. R. **Guarani**: organização social e arqueologia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997. 256 p.

SUGUIO, K. FULFARO, V. J. Diques clásticos e outras feições de contato entre arenitos e basaltos da formação Serra Geral. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA, 23, 1974.Porto Alegre **Anais...**, Porto Alegre: SBG, 1974. p.107-112.

TIXIER, J.; INIZAN.M. L.; ROCHE, H. **Préhistoire de la pierre taillé 1: terminologie et technologie**. Valbonne, Cercle de Recherches et d'Etudes Préhistoriques, 120 p. 1980.

VIANA, S. A. **Variabilidade Tecnológica do Sistema de debitage e de confecção dos instrumentos líticos lascados de sítios lito-cerâmicos da**

**região do Rio Manso/MT. 2005. 348 f. Tese. vol. 1 (Tese em Arqueologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. p. 45-96.**

VILHENA-VIALOU, A. **Tecno-tipologia das indústrias líticas do sítio Almeida em seu quadro natural arqueo-etnológico e regional.** São Paulo: Museu Paulista, 1980. 170 p.